



ari.cunha@correioweb.com.br
com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Vinte horas de reunião no Senado

Eram dez da manhã de quarta-feira quando o presidente Sarney suspendeu a sessão plenária para que a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania estudasse o texto da reforma da Previdência. Antonio Carlos Magalhães não entendeu como justa a decisão, e o bate-boca foi inevitável, valendo a experiência dos dois, ambos passados na casca do alho. Sarney reagiu e indicou o caminho. Começava na CCJ um dos maiores esforços do Parlamento, onde as divergências, eventualmente com textos ofensivos ou rebeldes, marcavam presença. Certo que algumas vezes o respeito pessoal foi atingido, e o coletivo sofreu com a ironia ou mesmo ataque, como a fala do senador Antônio Valadares rebatendo palavras do senador Artur Virgílio. As cataratas de palavras do senador amazonense receberam a observação do sergipano com o desdém de que não havia partidos, mas interesses momentâneos, como registrava sua observação. Tião Viana era o relator, e ouviu referências pouco lisonjeiras, mas seu comportamento parlamentar ficou acima das insinuações. Afinal, ele relatava a reforma que vinha aprovada pela Câmara. Magno Malta lembrou seu passado de pobreza, e não deixou sem resposta a falta de alguns colegas. Eram seis horas da manhã de quinta quando o presidente Edison Lobão pôs em votação a emenda, aprovada depois de verificação. Afinal de contas, os erros, buracos e roubos da Previdência têm a idade da assistência social, e o esforço do governo não será de reforma total, mas pelo menos iniciar as mudanças com segurança.